



**ORAÇÃO**

Senhor, Vós que concedestes à vossa Serva Montserrat a graça de uma entrega serena e alegre à vossa Divina Vontade, vivida com admirável simplicidade no meio do mundo: fazei que eu saiba oferecer-Vos com amor toda a minha atividade cotidiana e convertê-la em um serviço cristão aos outros; Dignai-Vos glorificar a vossa Serva e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se). Assim seja.  
Pai Nosso, Ave-Maria, Glória.

*Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que em nada se pretende prevenir o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem finalidade alguma de culto público.*

1941

**10 de julho.** Nasce Montserrat Grases García.

**19 de julho.** Recebe o batismo na Paróquia de Nossa Senhora do Pilar, em Barcelona.

1944

**11 de junho.** D. Juan Perelló, Bispo de Vic, administra a Crisma a Montse e a dois de seus irmãos, Enrique e Jorge, na Paróquia de Santa Maria de Seva.

1946

**Outubro.** Montse ingressa no Colégio de Jesus-Maria, em regime semi-interno.

1948

**27 de maio.** Faz a Primeira Comunhão na Capela do Colégio de Jesus-Maria.

1951

**Agosto.** Muda de colégio e vai para o do Menino Jesus das Damas Negras. O colégio está perto da sua casa e ela passa para o regime de aluna externa.

1955

**Outubro.** Vai pela primeira vez a Llar, a primeira Escola do Lar dirigida por mulheres do Opus Dei.

1956

**4 de outubro.** Matricula-se na Escola Profissional para a Mulher da Província de Barcelona: curso Formação doméstica, Cozinha, Desenho, Corte e costura e Ofícios artísticos.

1957

**24 de dezembro.** Pede a admissão no Opus Dei, como Numerária.

1958

**20 de junho.** O médico comunica a Manuel Grases que sua filha padece de um sarcoma de Ewing. Diagnóstico fatal com prognóstico irreversível. Começam imediatamente as sessões de radioterapia.

**20 de julho, domingo.** Os pais de Montse comunicam-lhe a gravidade da doença. Perante a notícia, Montse

reage de forma muito sobrenatural e abandona a sua vida nas mãos de Deus.

**11-17 de novembro.** Montse viaja a Roma para rezar perto do Papa e conhecer o Fundador do Opus Dei.

1959

**8 de março, domingo.** Recebe a União dos enfermos. É visitada por várias pessoas, que ficam tocadas pelo seu amor a Deus, a sua alegria e o seu afã apostólico.

**26 de março. Quinta-feira Santa.** Falece à 1:20 h. da tarde.

Imediatamente depois da sua morte, difunde-se a sua fama de santidade por todo o mundo. Pouco tempo depois, imprimem-se estampas e folhas informativas sobre a sua vida, em diversas línguas.

1962

**19 de dezembro.** Na Capela do Paço Episcopal de Barcelona, celebra-se a primeira sessão do Processo informativo para a canonização da Serva de Deus Montserrat Grases, sob a Presidência de D. Gregório Modrego y Casaus, Arcebispo-Bispo da Diocese.

1968

**26 de março.** Na igreja de Nossa Senhora de Monte Alegre de Barcelona tem lugar a Sessão de Encerramento do Processo Informativo para a sua Canonização. Preside igualmente D. Gregório Modrego y Casaus, já nessa altura Arcebispo emérito de Barcelona. Envia-se imediatamente o *Transunto* à Congregação para as Causas dos Santos.

1974

**22 de fevereiro.** A Congregação para as Causas dos Santos emite o Decreto sobre os escritos.

1992

**15 de maio.** A Congregação para as Causas dos Santos emite o Decreto de Validade do Processo.



**A Serva de Deus**

**M O N T S E  
G R A S E S**

**D**e 11 a 17 de novembro de 1958, embora se encontrasse muito doente e o seu estado se tivesse agravado muito, Montse teve a possibilidade de viajar a Roma e de estar com o Bem-aventurado Josemaría Escrivá, Fundador do Opus Dei. Deixou uma recordação inesquecível entre as pessoas com quem conviveu nesses dias romanos.



“Fui recebê-la no aeroporto com outras pessoas de cujos nomes não consigo lembrar-me – conta Encarnação Ortega<sup>1</sup>, que era então a Diretora Central das mulheres do Opus Dei –. Como detalhe simpático, lembro-me de que Montse chegou um pouco enjoada e fomos sentar-nos para que se refizesse. Uns jornalistas aproximaram-se para perguntar-nos se era uma artista de cinema. Sem dúvida chamou-lhes a atenção o calor com que a recebemos e a sua boa aparência”.

Pouco depois de chegar a Roma, foi até a Basílica de São Pedro. Encarnação Ortega diz que o Fundador da Obra lhes tinha ensinado que a primeira visita dos membros da Obra, ao chegarem a Roma, devia ser a São Pedro, para rezarem um Credo e pedirem pelo Santo Padre. No caso de Montse, foi a única visita que fez.

“Durante os dias em que estive em Roma – continua a dizer Encarnação Ortega –, sobressaía a sua alegria nos momentos de tertúlia e a sua grande simplicidade e confiança. Lembro-me de que um dia trouxemos uma caixa de bombons; ela sofria de uma grande inapetência e não se serviu de nenhum, mas dizia com toda a naturalidade e simplicidade: *Não vou comer nenhum, mas posso recomendar alguns, porque os conheço muito bem, e ia mostrando os que achava melhores*”.

Mons. Escrivá teve uma entrevista muito tocante com ela. “Eu a acompanhava – conta Encarnita – e observei que o Fundador do Opus Dei estava usando óculos escuros, sem dúvida para que não se lhe notasse a emoção que sentia por estar com aquela sua filha. Montse quis arrumar-se bem para aquele

encontro: usava sapatos de salto alto, ainda que, devido ao seu estado, isso significava para ela um esforço, e estreou uma malha azul clara que lhe caía muito bem.

“O nosso Padre perguntou-lhe como é que tinha sido a viagem e interessou-se pela sua família. Depois falou-lhe da sua doença: disse-lhe que rezasse pela sua cura e que – se isso lhe fosse concedido – promettesse ao Senhor ser-lhe fiel a vida toda. E que, imediatamente depois disso, se abandonasse nas mãos d’Ele, na certeza de que Nosso Senhor iria fazer o que fosse melhor. Quando lhe foi dar a bênção, Montse quis ajoelhar-se, mas o Fundador da Obra não a deixou: pôs-lhe as mãos sobre a cabeça e fez-lhe o sinal da cruz na frente. Já na porta de saída, voltou-se para olhá-la com um olhar que exprimia toda a ternura do seu carinho de Padre, de pai.

“Durante o encontro, o nosso Padre quis que tirássemos uma fotografia para guardar uma lembrança daqueles momentos. Elena Serrano tirou uma foto que depois enviamos a Montse e que lhe serviu de ajuda e fortaleza durante a doença: conservava essa fotografia ao alcance dos olhos e rezava pelas intenções do Fundador da Obra”.

É ainda Encarnação quem conta: “O Fundador da Obra tinha-me incumbido de lhe falar, com delicadeza e clareza, sobre o alcance da sua doença, para que a aproveitasse com eficácia sobrenatural e para que se preparasse para ganhar a última batalha. Conversei com ela com a maior delicadeza e clareza que me foi possível. Ela disse-me que sentia horror pela dor física, mas acrescentou: *Penso que, se for fiel ao que Deus me pede em cada dia, Ele me dará a sua graça*. Pude verificar assim a força com que experimentava o sentido da filiação divina, ao mesmo tempo que manifestava o seu medo à dor de uma maneira muito humana e muito simples”.

No entanto, e apesar dessa conversa, Encarnita, lembrando-se do que havia acontecido com outras pessoas em circunstâncias parecidas, duvidou de que Montse se tivesse dado conta de que ia falecer em breve, caso Deus não dispusesse outra coisa: “Ao vê-la tão alegre em todos os momentos – diz – pensei que talvez a minha explicação não tivesse sido suficientemente clara e, antes de partir, perguntei-lhe se estava disposta a *tudo*. Sorriu e disse-me que sim. Depois, enviou-me um cartão postal em que dizia: *Viagem ótima. Tudo muito bem. Já estou chegando e disposta a tudo, porque vale a pena*”.

Alguns meses mais tarde, já na Semana Santa, chegou a Roma a notícia da sua morte. Ao comunicá-la ao Fundador, este escreveu aos pais de Montse uma carta em que lhes dizia: *Não posso dar-vos os pêsames, porque – ainda que nos custe – devemos considerar com alegria que temos essa filha no Céu e que dali ela vela por nós*<sup>2</sup>.

**E**m março de 1959, quando Montse acabava de partir para o Céu, o Bem-aventurado Josemaría Escrivá redigia estas linhas para os seus filhos: *Para nós, o extraordinário é o ordinário feito com perfeição. Sorrir sempre, sabendo passar por alto – também com elegância humana – as coisas que incomodam, que aborrecem. Ser generosos sem medida. Numa palavra: fazer de toda a nossa vida uma contínua oração*<sup>3</sup>.

O Fundador do Opus Dei tinha dito ou escrito muitas outras vezes palavras semelhantes a essas. São palavras simples, singelas, que desvendam o panorama de uma vida dedicada a Deus no mundo, na medida daquilo que Deus pede a cada um. Pouco tempo depois, o Concílio Vaticano II deixaria bem assente que, para os que vivem no mundo, para os fiéis comuns – sacerdotes ou leigos, homens ou mulheres, jovens ou velhos –, a santidade se encontra nisto mesmo: *“Todas as suas obras, as suas orações e iniciativas apostólicas, a vida conjugal e familiar, o trabalho cotidiano, o descanso da alma e do corpo, se são praticados no*

*Espírito (...), convertem-se em hóstias espirituais, agradáveis a Deus, por Jesus Cristo*”<sup>4</sup>.

Não há dúvida de que todos os que leram as palavras de Mons. Escrivá, depois de assistirem à morte de Montse Grases – e de poderem contemplar a sua vida já no seu conjunto, plenamente acabada –, puderam pensar como essas palavras se aplicavam bem a ela. Fora assim, por esse caminho, que ela tinha procurado santificar-se.

Já está publicada uma biografia ampla e completa sobre a vida de Montse. É uma biografia que se lê com facilidade e, em muitos momentos, com emoção. Reflete-se nela uma vida sem grandes acontecimentos – talvez sem nenhum acontecimento extraordinário –, mas muito cheia de docilidade ao que Deus lhe pedia. Montse considerava tudo *ordinário*, normal – ainda que muitas coisas fossem de fato heróicas –, porque ocultava tudo debaixo de um sorriso, um sorriso que era a manifestação de uma *generosidade sem medida*.

Todos nós podemos também, do mesmo modo, *fazer da nossa vida uma contínua oração*.

<sup>6</sup> AGP, RHF EF- 301123-1.

<sup>7</sup> AGP, IZL T-41.



Uma das suas últimas fotografias, na cama, com sua mãe.

<sup>1</sup> AGP, MGG T 067

<sup>2</sup> AGP, RHF EF-590412-1.

## Está estudando Telecomunicações

O segundo dos meus filhos nasceu aos sete meses de gravidez e pesava apenas dois quilos e meio. Poucas horas depois de nascer, foi-lhe diagnosticada uma hemorragia cerebral, que provocou nele um quadro de insuficiência respiratória muito grave. Disseram-me que, como o cérebro tinha sido afetado, não tinha tônus muscular algum. Respirava com dificuldade, sempre ofegante.

Na radiografia do tórax que lhe fizeram, o pulmão apareceu totalmente encolhido, como que sem abrir-se. A sua respiração era tão penosa que pedi que o levassem para outro quarto, pois não agüentava ver o meu filho morrer sem eu poder fazer nada. Mas não foi possível porque não havia quartos livres no Hospital.

Quando fiquei a sós com o meu filho recém-nascido, pedi com enorme fé a intercessão de Montse Grases, cuja Causa de Canonização tinha sido iniciada e a quem eu tinha conhecido nos últimos anos de vida, entre 1957 e 1959. Pedi-lhe que salvasse a vida do meu filho.

Poucos minutos depois, o arfar foi-se tornando mais suave, até que os seus gemidos desapareceram por completo. O médico de plantão veio ao meu quarto e percebeu que, realmente, a criança dava sinais de ter tônus muscular.

Decorridas dez ou doze horas, fizeram-lhe uma nova radiografia do tórax e constatou-se que o pulmão estava completamente normal. A partir daquele momento, o menino desenvolveu-se normalmente.

No dia anterior, dada a gravidade do caso, tínhamos pedido uma consulta a um renomado médico que conhecíamos. Quando este chegou, encontrou o menino totalmente recuperado. A princípio, não compreendeu a razão por que tinha sido chamado com tanta urgência, mas depois de examinar as radiografias feitas umas horas antes, reconheceu que nunca tinha visto um pulmão tão fechado. Ficou surpreendido com a recuperação.

Quando o levamos solenemente à igreja – uma enfermeira já o tinha batizado com urgência no momento de nascer –, demos-lhe como primeiro nome o de seu pai e, como segundo, o de Salvador, porque considerávamos que se tinha salvo milagrosamente.

Atualmente, a criança daqueles dias de aflição está estudando telecomunicações com muito boas notas. Não lhe ficou nenhuma seqüela da lesão cerebral que teve ao nascer.

Eu sempre atribuí a sua cura à intercessão de Montse Grases, a quem rezei com tanta fé num momento tão difícil.

C.F.B.



Durante uma tertúlia no Colégio Romano de Santa Maria

Faz muitíssimo tempo que estou desejando entrar em contacto com alguma das pessoas responsáveis pela Causa de Beatificação de Montse Grases, Montsita, como carinhosamente a chamamos toda a família. Os favores que desde há anos nos vem dispensando ou alcançando são tantos, e alguns tão importantes, que teria de encher muitas folhas de papel para contá-los.

M.G.A.

Vai fazer dois anos que nasceu a nossa filha, a primeira do nosso casamento, e que apresentou um caso de osteogênese imperfeita, doença talvez mais conhecida como a das “crianças com ossos de vidro”. Os médicos que a atenderam não lhe deram nenhuma esperança de vida, pois qualificaram o caso como de extrema gravidade.

Eu conhecia a vida de Montse e a sua morte. Tinha-lhe rezado algumas vezes esporadicamente. Dessa vez, pensei em fazer-lhe uma novena, que foi mais do que isso, pois ainda hoje continuo a pedir-lhe que interceda pela minha filha. Ela própria está acostumada a dar boa noite ao Menino Jesus, a Nossa Senhora e à menininha (Montse), como ela a chama.

Existem radiografias através das quais se pode ver a evolução que foi tendo o seu desenvolvimento ósseo. Agora anda e se mexe como outra criança qualquer.

Nós acreditamos que somente Montse Grases é que conseguiu essa recuperação, que parece um milagre.

G.A. e J.V.

Tenho o prazer de lhes comunicar que, por intercessão de Montsita, o Senhor me concedeu uma graça muito importante.

No dia 15 de novembro fiquei gripada e sem voz. Uma vez recuperada da gripe, fui ao médico especialista de garganta, que diagnosticou uma paralisia na corda vocal esquerda. Segui um tratamento que não apresentou nenhum resultado positivo. Depois de dois meses, consultei um fonoaudiologista, que me aconselhou uma inclusão de Teflon no músculo paralisado. Comecei então a rezar todos os dias à Montse e a pedir-lhe que me obtivesse de Deus a graça de poder falar, pois sou professora e isso me impedia de trabalhar.

Passados três meses, fui recuperando-me pouco a pouco, até que, pensando estar totalmente recuperada, fui outra vez ao médico. Este informou-me que a paralisia persistia e que era estranho que pudesse falar. Hoje a minha voz está normal. O doutor afirma que este caso não tem explicação científica. Estou juntando o certificado médico desta graça que recebi por intercessão de Montse.

Muito agradecida, rezo pela pronta canonização de Montserrat.

M.C.

---

Nesta *Folha Informativa*, por exigências de espaço, reproduzimos apenas algumas das numerosas cartas que nos têm chegado, como testemunho da intercessão da Serva de Deus.

Agradecemos as ajudas que nos enviam para colaborar nos gastos da Vice-Postulação do Opus Dei e que nos chegam por vale postal ou por cheque nominal a **Promoções Culturais**, Rua João Cachoeira, 1496, CEP 04535-007, São Paulo SP, ou por transferência bancária para a conta de **Promoções Culturais**, Banco Itaú, Ag. 0152, c/c nº 31.298-9, São Paulo.

## Notícias da Causa

O processo de canonização da Serva de Deus Montserrat Grases Garcia foi instruído em Barcelona, entre os anos de 1962 e 1968. No dia 22 de fevereiro de 1974, a Santa Sé expediu o Decreto de aprovação dos seus escritos.

No dia 15 de maio de 1992, a Congregação para as Causas dos Santos deu o Decreto de validade do processo. Atualmente, está-se terminando de recolher os documentos relativos à Serva de Deus, antes de se preparar a *Positio super vita et virtutibus*.